

VIOLÊNCIA SEXUAL INTRAFAMILIAR CONTRA ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO: UMA LEITURA À LUZ DA TEORIA DO AMADURECIMENTO DE WINNICOTT

Michele Andrade da Silva¹
Narjara Medeiros de Macedo²

RESUMO

A violência sexual intrafamiliar contra adolescentes é um assunto que requer necessidade de ser discutido cada vez mais no âmbito social, trazendo consigo as relações de gênero intrínsecas na sua perpetuação, como também suas eventuais consequências desenvolvimentais e emocionais nas vítimas. Os altos índices de violência intrafamiliar quebram a crença de que no interior da família encontra-se maior proteção. De acordo com a teoria do amadurecimento de Winnicott o ser humano está numa busca incessante pela independência e integração com o ambiente, na busca da construção da sua personificação e instalação do self verdadeiro. Para a criança crescer saudavelmente é necessário um ambiente suficientemente bom, ou seja, que suporte suas necessidades básicas. Para isso, precisa-se inicialmente de representantes de cuidados maternos e paternos suficientemente bons, em seguida, a família e a comunidade. Quando a violência acontece ocorre a quebra da continuidade do ser, o que acarretará na aparição do self falso, onde a vítima poderá culpar-se pelo fato ocorrido. Contudo, os dados da pesquisa indicam que a situação de violência sexual atualiza questões referentes a historicidade do sujeito na sua construção de falhas na família. Em suma, o presente trabalho tem como objetivo abordar a violência sexual contra crianças e adolescentes, sendo com enfoque interventivo na adolescência, pois nesta ocorre a reinstalação do si-mesmo. Por fim, para esse estudo foi feita uma pesquisa bibliográfica de trabalhos publicados nos períodos de 2010 a 2017, nas plataformas Scielo, pePSIC e Lilacs, usando como buscadores as palavras chaves referidas, utilizando como critério de inclusão a violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes, suas possíveis consequências e as questões de gênero intrínsecas na temática.

Palavras-chave: violência sexual; família; adolescente; gênero.

FAMILY SEXUAL VIOLENCE AGAINST FEMALE TEENAGERS: IN THE LIGHT OF THE PARENT-INFANT RELATIONSHIP THEORY OF WINNICOTT

ABSTRACT

Family sexual violence against teenagers is a subject that we need to discuss more and more in our social environment, bringing within the intrinsic gender relationships in its endurance, as well as the eventual growth-related and emotional consequences on the victims. The high indicators of family violence break the belief that there is more protection in the center of the family. According to the

¹ Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNIRN).
Email: michele95andrade@gmail.com.

² Professora orientadora curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNIRN). E-mail: narjaraunirn.edu.br.

theory of parent-infant relationship of Winnicott human beings are in a tireless pursuit for independence and integration with the environment, in the search for constructing their personification and integration of their true selves. For a child to grow healthily it is necessary a satisfactorily good environment, that is, that support her/his basic needs. For this to happen it is initially necessary good parental and maternal care representatives, then the family and the community. When the violence happen it breaks the stability of the being, which will entail the appearance of the fake self, when the victim can blame herself/himself for what happen. However, the data collected in this research indicates that the situation of sexual violence updates questions referring to the historicity of the subject in its construction of absence in the family. To sum up, the present work has as its goal to approach sexual violence against children and teenagers, with interceptive attention on teenagers, because it is when the reinstallation of it-self occurs. Lastly, for this study it was made a bibliography research of works published between 2010 to 2017, on the platforms Scielo, pePSIC and Lilacs, using as seekers the indicated keywords, taking as inclusion criteria the family sexual violence against children and teenagers, its possible consequences and the gender questions inside the thematic.

Keywords: sexual violence; family; teenagers; gender.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente a preocupação com os índices de violência e suas várias formas de desdobramentos torna-se uma questão crucial a ser posta em questão na sociedade brasileira (ARAÚJO, 2002). Este trabalho tem como tema a violência sexual contra adolescentes acontecidas no seio familiar, tendo como objetivo explorar o fenômeno da culpa presente na vítima após a violência sofrida a partir da teoria do amadurecimento de Winnicott. Desse modo, considera-se como necessário, antes de adentrar no foco, trabalhar com algumas conceituações básicas sobre esse fenômeno.

Segundo o dicionário Aurélio violência se caracteriza pelo ato ou efeito de violentar. Ação que provoca constrangimento físico ou moral; uso da força; coação. No que se configura como violência praticada contra crianças e adolescentes, Faleiros (1997, p.42 e 43) afirma que seja ela, física, sexual ou psicológica, está relacionada com o que o autor chama de “forças desiguais nas situações concretas”. Concretas no sentido de não as considerar como forças da natureza humana ou extranaturais. A violência se manifesta numa relação de poder onde um adulto mais forte exerce poder sobre uma criança ou adolescente num processo de apropriar e dominar o outro.

Como dito anteriormente, a violência tem muitas formas de manifestar-se como, por exemplo, a violência sexual que não precisa necessariamente ocorrer à penetração, existindo, assim, outras formas de violar o corpo do sujeito e a sua

liberdade sexual, tais como: fazer carícias, molestar, exibicionismo, utilizar-se de palavras obscenas. No entanto, será abordado neste trabalho a violência sexual contra crianças e adolescentes ocorridas no âmbito familiar, sendo com enfoque interventivo na adolescência.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa tem como objetivo mostrar, a partir de uma revisão de literatura integrativa, utilizando livros, artigos e periódicos, a importância da discussão da violência sexual contra adolescentes do sexo feminino, praticada no seio familiar, a fim de promover maior discussão acerca de questões de gênero e consequências psíquicas da violação, fazendo uma relação com a teoria do amadurecimento de Winnicott.

Tratando-se de uma pesquisa de natureza descritiva, tem como maior objetivo descrever as características de uma população, um fenômeno ou experiência, através do estudo, da análise, do registro e da interpretação dos fatos do mundo físico, sem a manipulação ou interferência do pesquisador, que descobre a frequência com que o fenômeno ocorre ou como se estrutura dentro de um determinado sistema, método, processo ou realidade operacional (GIL, 2002).

A busca por artigos e periódicos foi realizada nas plataformas acadêmicas Scientific Eletronic Library Online (SCIELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PEPSIC) para o acesso às produções acadêmicas contemporâneas a respeito do tema. Foi adotado como referencial temporal o período compreendido entre 2009 a 2017, tendo sido a pesquisa ampliada para 8 (oito) anos devido à escassez de artigos. Foram utilizadas as combinações de palavras para a busca dos artigos: abuso sexual com variante em violência sexual, adolescente com variante em adolescência, família com variante intrafamiliar, e gênero. A partir dessa pesquisa, foram selecionados para embasamento teórico 14 artigos. Os critérios de inclusão utilizados foram artigos que se situados no marco temporal estabelecido e que abordavam a violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes e suas consequências. Foram excluídos os artigos com outros idiomas, que adotavam

abordagens distintas ou pertenciam a outros campos de conhecimento, que pautavam-se na violência extrafamiliar e que exploravam outras formas de violência em lugar da proposta assinalada nesse trabalho.

3. A CARACTERIZAÇÃO DAS VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA SEXUAL INTRAFAMILIAR TEM GÊNERO, FAIXA ETÁRIA E PERPETUADOR

A família é uma instituição social de estrutura básica fundamental para a formação do sujeito. Então, cabe aos pais ou responsáveis zelar pelo desenvolvimento físico e emocional a fim de promover atender suas necessidades materiais, afetivas, de proteção e segurança (FROTA, 2006). Reis (1989) também contribui nessa instância ao configurar a família como mediadora entre o sujeito e a sociedade, é a partir dela que se aprende a perceber o mundo e a situar-se nele, como também é a primeira formadora da nossa identidade social.

A violência sexual intrafamiliar não necessariamente é incestuosa (entre pai e filha, entre irmãos), mas também pode se configurar quando o ato não consensual é praticado pelos demais familiares da vítima. Possivelmente quando o ato é praticado pelo pai da vítima, poderá acarretar sofrimento diferenciado devido a função social deste, dos valores morais construídos culturalmente, que acabam por dificultar a exposição do caso judicialmente.

Uma circunstância que também provocará sofrimento à adolescente é quando a própria família a culpabiliza pela violência e, principalmente, quando é uma situação incestuosa, sendo acusada de estar desintegrando a família. Dessa forma, quando isso ocorre, a probabilidade da vítima se pronunciar, como também de seu responsável buscar meios de denunciar, torna-se menor, por diversos fatores como, medo do abusador, de perder a relação com os pais, acabar sendo expulsa de casa, pela relação afetiva, medo de os membros não acreditem no seu relato, ou de ser a causadora da discórdia familiar (AZEVEDO, 2001).

O estupro pode trazer consigo diversas consequências na vida da pessoa. A pessoa pode negar sua condição de humano devido aos agravos ocorridos. As consequências são desde psicológicas a físicas. Os efeitos físicos vão desde fraturas, contusões e lesões nas genitálias (que são mais acentuadas em crianças),

DSTs, gravidez indesejada, entre outros. E a psicológicos podendo ocorrer o desenvolvimento de transtornos de ansiedade, transtorno pós-traumático, depressão, abuso de substâncias ilícitas até o suicídio (IPEA, 2011).

Conforme uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2011 sobre o fenômeno do estupro no Brasil, a caracterização dos vitimados (cor/raça, escolaridade, sexo, faixa etária) em relação ao perpetrador, bem como o tratamento que a posteriori é oferecido pelo Sistema Único de Saúde, e as possíveis consequências do crime. A pesquisa constatou que 88,5% das vítimas de estupro eram do sexo feminino, sendo que mais da metade tinham menos de 13 anos de idade. Levando em consideração o total de pessoas que responderam à pesquisa, 70% dos casos são contra crianças e adolescentes. O IPEA também constatou a ocorrência de agressões no âmbito familiar, onde 24% das agressões contra crianças e 13,7% das agressões sofridas por adolescentes, foram cometidas por seus pais e padrastos. À medida em que os adolescentes vão crescendo e chegando a fase adulta, os maiores abusadores são desconhecidos. No geral a maioria esmagadora são homens que cometem o atentado contra a liberdade sexual alheia.

Com base nessas informações torna-se importante analisar que teoricamente a instituição familiar é o ambiente mais seguro para as nossas crianças e adolescentes crescerem saudavelmente. A lei 8.069 de 13 de Julho de 1990 (ECA) dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. No Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Portanto, é dever não só da família, mas também da comunidade oferecer proteção e segurança às crianças e adolescentes, considerando que a violência sexual intrafamiliar contra os mesmos não consiste mais como um fenômeno privado.

É importante também considerarmos os dados expostos acima sobre a discrepância dos estupros ocorridos contra o sexo feminino em comparação ao masculino, pois se percebe explicitamente a violência de gênero, em que as pessoas do sexo feminino são expostas desde que nascem e que infelizmente se perdura ao longo da sua existência. A violência de gênero se configura como um tipo

de violência que visa a “preservação da organização social de gênero, fundada na hierarquia e desigualdade de lugares sociais e sexuais”. (ALMEIDA & SAFFIOTI, 1995 citado por ARAÚJO, 2002, p. 5). Portanto, esses dados ficam mais claros ao perceber como a sociedade machista e patriarcal compactua e faz a manutenção de comportamentos masculinos quando culpabiliza as mulheres pelo estupro sofrido quando se busca formas de justificá-lo, sendo que a maioria dos abusos revelados na pesquisa são meninas abaixo de 13 anos de idade, se configurando como estupro de vulnerável. Como crescemos numa cultura que reprime a sexualidade feminina e potencializa o menino a ter relações sexuais cada vez mais cedo, e a perceber a mulher estando a sua disposição para satisfação pessoal, a mulher acaba por estar como um objeto de satisfação masculina.

Na busca de justificar o comportamento "inapropriado" da menina tentando justificar o estupro ocorrido, ela acaba internalizando essas questões e distorcendo a sua realidade interna, podendo apresentar uma percepção distorcida de si, seja se culpando da violência sofrida devido a sua maneira de vestir, por estar em um local não adequado para uma menina, ou por ter sido simpática demais, etc.

No próximo tópico será abordado uma breve contextualização dos estágios iniciais da teoria do amadurecimento, como ocorre a reinstalação do si-mesmo na adolescência e, posteriormente, irá fazer um link entre a violência sexual intrafamiliar com a teoria do amadurecimento.

4. TEORIA DO AMADURECIMENTO DE WINNICOTT: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DOS SEUS ESTÁGIOS INICIAIS E A REINSTALAÇÃO DO SI-MESMO NA ADOLESCÊNCIA

O presente trabalho irá reconhecer a adolescência como um fenômeno não universal, pois sofre diferenciações em comparação com demais culturas e épocas, sendo assim, um fenômeno construído socialmente ao longo da história, podendo sofrer alterações conforme as necessidades futuras. Frota (2007) afirma que da mesma forma que a criança é compreendida como uma categoria histórica, a adolescência também; portanto, as “significações e significados que então são atribuídos a essa categoria, “estão longe de serem essencialistas” (p. 152). Assim,

conforme a mesma autora, esta salienta que é preciso pensar a adolescência além da sua “idade cronológica, da puberdade e transformações físicas que ela acarreta” (p.154).

Ozella (2002) defende esta tese ao afirmar que a adolescência é socialmente criada pelo ser humano “enquanto representação e enquanto fato social e psicológico” (p.21). A adolescência não pode ser considerada como um período natural do nosso desenvolvimento, assim, pode-se dizer que a mesma “é um momento significado e interpretativo pelo homem” (p.21). É um período de desenvolvimento do corpo, onde se apresenta características próprias, no entanto, não pode ser reduzida por aspectos biológicos e fisiológicos, pois esses elementos não apresentam relação direta na construção da subjetividade humana.

A teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott é fundamentada sobre duas estruturas de base, quais sejam: “a tendência inata ao amadurecimento e a existência contínua de um ambiente facilitador” (Dias, p.93). A primeira, conforme Frota, Winnicott, na sua teoria, sustenta a crença da existência de uma “tendência inata ao desenvolvimento e à integração em um todo unitário”, considerada a “mais importante herança do ser humano” (p.3). Portanto, o homem sempre estará numa busca incessante pela independência e integração com o ambiente até a sua morte, o último ciclo da sua existência (DIAS, 2003).

Após o nascimento do bebê, no início o ambiente facilitador é a mãe suficientemente boa, que consiste na figura humana capaz de reconhecer e atender as dependências do lactante, a partir de sua identificação com ele, desvendando suas necessidades naquele momento. A mãe suficientemente boa não se configura como a mãe perfeita, mas é aquela que a partir de uma conexão com o bebê é sensível e consegue compreender, em dado momento, o que a criança está precisando e, ao verificar essas necessidades do bebê, adapta-se em sua rotina para oferecer-lhe um cuidado suficientemente bom para o desenvolvimento emocional saudável da criança (DIAS, 2003). Esses cuidados ambientais vão se complexificando com o crescimento emocional da criança, na medida em que sejam necessárias graduais e suportáveis desadaptações para que a criança perceba-se como um ser separado, um si-mesmo, com condições de explorar o mundo dos objetos, que inclui outras figuras de cuidado, afeto e lei, como o pai (ou figura que exerce a função paterna), a família, o grupo social e a sociedade de uma forma mais

ampla (FROTA, 2006).

Conforme a mesma autora, no período inicial do amadurecimento do bebê o mesmo ainda não se apresenta num estado de integração. Dessa forma, com o passar do tempo e provisão ambiental, este vai experienciando na vida algumas tarefas e conquistas que vão lhe aproximando de uma integração do ser. A teoria considera que as tarefas realizadas no início da existência são as mais essenciais, pois este momento inicial consiste no período onde “se instalam as bases da existência” da criança. Assim, salienta que o amadurecimento não é um processo linear, como também não é “regido pela noção de progresso”. A teoria de Winnicott consiste em “possibilitar à pessoa a instalar seu si-mesmo real” (p. 55).

Dias (2003) define em seu livro o si-mesmo como “estatuto unitário alcançado pelo indivíduo no estágio em que, se pudesse falar, o bebê diria EU SOU.” (p.144). Assim, a autora afirma que o si-mesmo é o “resultado de várias conquistas no processo de integração e só se estabelece de um modo mais consistente no estágio em que o bebê alcança uma identidade, um si-mesmo unitário” (p. 144).

A autora saliente em seu livro acerca da teoria do amadurecimento de Winnicott que:

A teoria winnicottiana do amadurecimento conceitua e descreve as diferentes tarefas, conquistas e dificuldades que são inerentes ao processo de amadurecer em cada um dos estágios da vida. Ela serve, portanto, de guia prático para a compreensão dos fenômenos da saúde, assim como para a detecção precoce de dificuldades emocionais, podendo ser útil não só para psicanalistas e psicoterapeutas, mas também para mães e pais preocupados em facilitar o amadurecimento pessoal de seus filhos (p. 13 e 14).

Tomando como base o artigo de Frota (2006) sobre os estágios de desenvolvimento emocional de Winnicott, são caracterizados os processos e conquistas pertinentes ao amadurecimento descritos a seguir:

O primeiro, estágio de *dependência absoluta*, engloba o início de tudo, desde a vida intra-uterina, o parto e a vida extra-uterina. No início existe um estado simples de ser “e uma consciência incipiente da continuidade do ser e da continuidade do existir no tempo” (Winnicott, 1990, p. 157, citado por Frota, 2006, p.55). O bebê recém-nascido ainda não está integrado consigo, ou seja, ainda não há uma unidade psicossomática, “um vínculo entre o seu corpo e sua psiquê ou uma realidade não-eu” (p.55). Segundo a autora, na verdade nem existe um eu e as conquistas possibilitam o alojamento do psiquismo no corpo. Tal processo é iniciado e mantido

pelas possibilidades criativas de ilusão e desilusão na relação com o contexto, relacionadas ao verdadeiro self.

A “primeira mamada teórica” refere-se às primeiras experiências de amamentação concreta (FROTA, 2006; DIAS, 2003). Esse período corresponde, aproximadamente, aos três ou quatro meses de vida (DIAS, 2003). Após a primeira mamada teórica, “o bebê já dispõe de material para criar”. Esse momento é importante “por estabelecer o primeiro contato do bebê com a realidade e a constituição do si-mesmo” (FROTA, 2003, p. 55). Nesse período o bebê realiza três tarefas, como também são três tarefas realizadas pela mãe que, quando juntas, se complementam. Dessa forma, a primeira tarefa do bebê é a “busca da conquista de uma “integração temporal e espacial” (FROTA, 2003, p.55). Já a tarefa da mãe corresponde ao *holding*, ou seja, o suporte que a mãe oferece ao bebê, criando uma rotina de cuidados específicos para atender suas necessidades rotineiras. O tempo começa a ser internalizado para o bebê quando o ambiente externo cria ritmos cotidianos como, a hora de alimentar-se, tomar banho, acordar e dormir. E, quando não se respeita seu ritmo natural, ocorre a intrusão do meio que resulta na quebra da continuidade do ser que, “em vez de estar se contruindo, e construindo o mundo, pode estar se defendendo dele” (FROTA, 2006, p.56).

A segunda tarefa diz respeito à personalização do bebê ou o alojamento da psique no corpo. Segundo a mesma autora, é nesse momento que a criança apresenta a capacidade de ter relações objetais. É necessária a percepção materna de um bebê inteiro, passando essa noção para o bebê que ainda de vê em pedaços. Agora a tarefa materna é proporcionar o *handling*, que corresponde ao manejo com a criança, a acariciando, a tocando cuidadosamente para favorecer a localização do bebê no seu próprio corpo. Na terceira tarefa se inicia o contato com a realidade e a relação com os objetos. Assim, nas palavras de Frota, “Para Winnicott, ao nascer, o bebê não tem um sentido de internalidade e de externalidade que lhe permita relacionar-se com objetos, uma vez que, de início, ele não tem sequer um si-mesmo.” Assim, a autora afirma que o bebê não está “suficientemente amadurecido para relacionar-se com o mundo, pois ainda não teve sequer um nascimento psíquico. Para conquistá-lo, ele precisa primeiro construir um senso de realidade do mundo subjetivo” (p.56). Somente após isso que é possível para o bebê relacionar-se com o mundo real. E, a tarefa da mãe nesse momento é a de apresentar para a

criança o mundo real e dos objetos.

Frota, ainda, afirma que é necessário para a criança a ilusão de que é responsável pela criação daquilo que necessita, na hora exata em que necessita como, por exemplo, ao se deparar com o seio materno. Por isso, faz-se necessário uma mãe suficientemente boa para atender ao chamado do bebê no momento em que solicitar. Contudo, no estágio da “primeira amamentação teórica” o bebê ainda não pode dizer “eu sou”, pois ainda não houve o nascimento do seu psiquismo. Se ocorrer tudo bem, o nascimento do si-mesmo da criança ocorre no próximo estágio do amadurecimento que corresponde ao estágio da *dependência relativa*.

O segundo estágio é o da *dependência relativa*. Nesse estágio a mãe começa a “faltar” às necessidades do bebê. Isso quer dizer que a mãe inicia um processo de desadaptação às necessidades do filho, iniciando-se por pequenas falhas ambientais de forma gradual e não abrupta. As pequenas falhas que a mãe inicia nesse momento devem ser condizentes com a maturidade do bebê, respeitando o seu período de adaptação. Esse estágio também é caracterizado pelo início da desilusão por parte do bebê onde ele deixa para trás a ilusão de onipotência, ou seja, ele passa perceber que a existência do mundo independe dele e que se morrer o mundo externo vai permanecer existindo (FROTA, 2006 & DIAS, 2003). Frota (2006) afirma que nesse momento se inicia os procesos intelectuais que fazem com que facilite o bebê a lidar com a desadaptação materna.

Nesse estágio de dependência relativa, Winnicott (citado por Frota, 2006) afirma que há um “espaço entre a dependência absoluta e o mundo subjetivo e a dependência relativa e o mundo objetivo” (p.57). Os fenômenos que ocorrem entre esse espaço possibilitam a criança a sair do estado da onipotência criada para a desilusão da crença de tudo poder. Nesse espaço o bebê elege um objeto transicional na tentativa de prolongar a onipotência que de início era satisfeita pela mãe suficientemente boa. No entanto, o objeto transicional vai perdendo significado, sendo este importante na vida da criança, pois introduz nela a atividade simbólica. É necessário que a criança atribua a esse objeto o “estatuto de externalidade” (p.57), considerando esse objeto fazendo parte de uma realidade compartilhada.

Com o tempo e aos poucos, entre a adaptação lenta e progressiva, o bebê começa a transitar entre os mundos subjetivos e objetivos. Mesmo o bebê morando na realidade subjetiva, cada vez mais ele se dá conta de sua onipotência criativa,

assim, o mundo subjetivo e o espaço transicional não fazem mais sentido, partindo, assim, para o mundo da realidade externa. “Agora o bebê já é capaz de dizer “eu sou”.” É nesse momento que se pode dizer que “a pessoa se constitui como tendo um verdadeiro nascimento psíquico” (FROTA, 2006, p.58). A criança pode ir e vir na realidade objetiva e subjetiva, portanto, não se pode falar em uma “regressão no desenvolvimento humano.” “Não é como uma subida de escada, pois o indivíduo está sempre subindo e descendo, muitas e muitas vezes” (p.53).

Embora a criança nessa fase tenha desenvolvido o seu si-mesmo, ainda, não é considerada uma pessoa inteira, seguindo assim para o próximo estágio do concernimento. Nas palavras de Frota (2006) desenvolve-se nesse momento:

um sentimento de responsabilidade pela experiência instintiva e pelos conteúdos do eu, assim como um sentimento de independência em relação ao que está fora. {...} A principal tarefa desse momento é o bebê poder fazer reparações ao que julga poder destruir. A sequência do machucar-curar repete-se inúmeras vezes. Aos poucos, a criança passa a acreditar no seu esforço construtivo e a suportar a culpa pela destruição, tornando-se livre para o amor instintivo (p.58)

Na metade em diante do estágio do concernimento, o pai entra em cena e tem como característica de um interventor oferecendo apoio necessário à mãe, ajudando a permitir que a criança se movimente livremente com seus instintos. A criança já habita em seu próprio corpo e é capaz de fazer uso dos objetos. Seu amadurecimento psíquico vai e volta como uma curva espiral. Assim, a criança, nesse processo, segue na busca de construir sua dependência e maturidade.

O terceiro estágio é do rumo à independência relativa. Nesse período a criança ingressa na fase fálica e mantém um relacionamento triângular com os pais. A criança ainda necessita ser amparada e ser cuidada como no início da sua vida, bem como necessita de um ambiente estável para que possa se sentir segura e bem cuidada. Em relação ao período edípico, Winnicott não se opõe, embora considere que esse momento não deve ser visto como central no processo de desenvolvimento. Dessa forma, o autor dá a ênfase à conquista do estado unitário da criança, seu si-mesmo, a partir de suas relações mais primitivas com a realidade.

Gradativamente a criança percebe que a sua mãe sobrevive aos seus ataques e aceita seus gestos reparador, tornando-se capaz de responsabilizar-se pela “fantasia total do impulso instintivo que era, até então, por demais impiedoso.”

Dessa forma, somente quando a criança se responsabiliza pela fantasia do impulso instintivo, é que a “crueldade cede lugar à preocupação e à culpa”, ela pode ter a experiência de viver a fase edípica e “tolerar a ambivalência da relação edípica” (FROTA, 2006, p.58).

A criança já concernida e com o psiquismo pulsional, entra na fase da latência. Nesse momento da vida ela já apresenta uma estruturação emocional em uma unidade que lhe permite se enxergar e enxergar as demais pessoas como pessoas totais. E se nesse momento as coisas andarem bem, a criança já deve ter atingido a capacidade de vivenciar os sonhos e o jogo adulto, “com os instintos apropriados e as ansiedades e conflitos resultantes desdes” (p.59). Contudo, vale ressaltar novamente, que para o desenvolvimento dessa capacidade é necessário uma estrutura familiar estável e confiável, oferecendo à criança uma estrutura de base que lhe assegure segurança para aliviar seus sentimentos de medo e angústias (FROTA, 2006).

Ao chegar à fase da adolescência, vem junto um conjunto de alterações consideradas importantes no processo de amadurecimento.

Em primeiro lugar, potencializa um poder de dominar e de destruir que é extremamente assustador. Em segundo, repete as angústias dos estágios precoces do desenvolvimento. Além disso, o adolescente padece do sentimento de irrealidade, e sua luta, nesse momento, é para sentir-se real (FROTA, 2006, P. 59).

Mesmo após a instalação do si-mesmo nos estágios da dependência relativa, o sujeito estará sempre numa busca incessante por sentir-se real. Assim, Frota (2006) compreende que, “assim como a instalação do si-mesmo marca o nascimento psíquico da criança, a adolescência desentranha um segundo processo de reinstalação do si-mesmo” (p.59). Nesse processo, “o adolescente parece viver a possibilidade de encenar uma forma diferente de estar e se ver-no-mundo. Algo se reinstalasse no mundo, agora de um modo diferente do da criança” (p.60).

Segundo a mesma autora, a adolescência é uma fase compreendida como a possibilidade da reinstalação do si-mesmo, assim, considera-se ser um período de muitas mudanças maturacionais e emocionais em que o adolescente está buscando se reinventar constantemente, num processo de equilíbrio e desequilíbrio que perdurará ao longo de toda a vida, como também buscando incessantemente

diferenciar-se das referências familiares.

A reinstalação do si-mesmo na adolescência é um período de resignificações e transformações das coisas à sua volta, na busca pela construção de uma identidade própria. Uma agressão sofrida acometida por um ente familiar nessa fase, assim como em outros momentos da existência, pode ocasionar um trauma significativo na vida da adolescente, quebrando a sua continuidade do ser. Na quebra da continuidade do ser, decorrente de um ambiente insuficientemente bom, a menina pode gerar mecanismos para se defender do trauma ocorrido, desenvolvendo um si-mesmo falso para “blindar” o seu verdadeiro. Decorre disso, o desenvolvimento de sintomas diversos psíquicos, além dos físicos. Vivências de violência, tais como a violência sexual intrafamiliar, invadem de maneiras específicas esse processo, o que será tratado na sessão a seguir e nos resultados dessa pesquisa.

5. INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA EM CASOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL INTRAFAMILIAR

A violência sexual pode trazer consigo diversas consequências na saúde mental das crianças e adolescentes. Dessa forma, essa violação dos direitos humanos da criança e do adolescente é um dos tipos de violências mais frequentes, resultando em implicações médicas, legais, psicossociais, sendo necessário ser tratada cuidadosamente e um estudo e compreensão por parte dos profissionais que trabalham com a questão (FLORENTINO, 2015).

Quando a vítima vai ao encontro da ajuda terapêutica, cabe ao analista se fazer sensível e acolhedor ao lidar com o caso, fazendo com que a mesma reconheça que a falha resultada da violência é ambiental, sendo, a mesma, vítima do caso, e mostrar a importância de dar continuidade a sua vida buscando novos caminhos para se reestruturar. Os rastros, sem dúvida, permanecerão, no entanto, sua vida não pausará devido ao trauma ocorrido, podendo descobrir formas de resconstruir a imagem de si e buscar outras alternativas para sair desse processo de sofrimento (AZEVEDO, 2001) & (BOARATI et al, 2009).

Contudo, segundo Azevedo (2001), esse trabalho não é fácil, exigindo do terapeuta bastante dedicação, empenho e disposição para trabalhar com a face

mais sombria do ser humano.

Nas palavras da autora:

O psicanalista deve ter consciência de que trabalhar com crianças sexualmente abusadas interfere no seu psiquismo e pode despertar sentimentos bastante conflituosos que vão desde a compaixão pela vítima e repulsa ao agressor até uma espécie de turvação, que o impeça de enxergar coisas essenciais ao decorrer da análise” (p.74).

Assim, afirma ser essencial atendimentos supervisionados, bem como a sua participação de processo analítico para trabalhar informações inconscientes que foram reprimidas, assim como conhecer-se profundamente e suas limitações. Como se faz importante ter uma leitura atualizada sobre o assunto, participações de grupos de estudos e, “é essencial mas, sobretudo, a sensibilidade, pois é este sentimento aliado a uma autêntica empatia a vítima que o levará a auxiliar o analisando na elaboração da vivência traumática” AZEVEDO (2001, P. 74).

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Levando em consideração o objetivo desta pesquisa em abordar a violência sexual intrafamiliar contra adolescentes, discutindo distinções de gênero, foi obtido êxito nas buscas de material para embasamento, contudo, foi necessário utilizar de palavras variantes para melhor encontrar o que precisava, como também foi necessário ampliar a pesquisa para 8 (oito) anos, devido o período citado ter apresentado maior facilidade de encontrar material.

Na pesquisa foram encontrados 14 (quatorze) artigos, no período compreendido entre 2009 e 2017, que falam especificamente sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes praticada no contexto familiar, abordando temáticas relacionadas, tais como o perfil da vítima e as possíveis consequências na sua saúde mental, a gravidez resultante do incesto, o posicionamento materno frente ao incesto, o fator transgeracional do abuso sexual, pesquisa qualitativa sobre as concepções de profissionais da área da saúde sobre a violência sexual contra adolescentes, e a reflexão do profissional da psicologia que trabalha no CREAS. Foram utilizadas como palavras chave: abuso sexual com variante em violência sexual, adolescente com variante em adolescência, família com variante em

intrafamiliar, e gênero, com variante em feminino.

De modo geral, os artigos consensuam que a violência sexual contra crianças e adolescentes, por se configurar como uma prática de altos índices de ocorrência, é considerada como uma problemática de saúde pública pela Organização Mundial da Saúde (DESLANDES, MENDES e LUZ (2013); BATISTA, MORE, KRENKEL (2016); PELISOLI e DELL'AGLIO (2014); TRABBOLD, CALEIRO, CUNHA, GUERRA (2016).

Mandelbaum, Schraiber & d'Oliveira (2016) apontam que, nos estudos e nas intervenções de violência doméstica, a psicanálise tradicional precisa desfrutar do diálogo do saber da sociologia, história, como também estudos de culturas e gêneros, pois não há como reduzir a compreensão do fenômeno e promover transformação apenas a nível intrapsíquico. As autoras apontam, ainda, que mulheres que apanham e crianças que são abusadas não são apenas “fantasias sexuais”, mas sim, padrões relacionais que ocorrem de diversas formas de acordo com os contextos socioculturais, “estritamente vinculados a concepções hegemônicas de masculinidade e feminilidade” (p.425). Dessa forma, quando a psicanálise não reconhece esses elementos da realidade social ao se tratar da violência contra a mulher ou contra a criança, somente visando as dimensões intrapsíquicas, considera-se uma ciência terapêutica realizada de forma parcial e fragilizada, pois silencia os aspectos reais que tendem a se perpetuar (MANDELBAUM, SCHRAIBER & D'OLIVEIRA 2016).

Nesse sentido, Florentino (2014) considera que o exercício profissional da psicologia juntamente com o Serviço de Enfrentamento ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, solicita a interdisciplinaridade dos saberes psicológico e de outras categorias profissionais, tendo em vista que a atividade interdisciplinar não representaria apenas uma possibilidade provável, mas uma necessidade indispensável “ao se pensar na intervenção junto aos sujeitos – vítimas e familiares – envolvidos nos casos de abuso sexual infanto-juvenil” (p.63).

Em uma pesquisa qualitativa realizada por (Trabbold et. al 2016, p. 80 e 81) fazendo uma análise acerca das concepções sobre a violência sexual contra adolescentes encontradas nos discursos de profissionais de saúde que trabalham nas equipes da Estratégia Saúde da Família (ESF) na cidade de Montes Claros em Minas Gerais:

“80% dos casos tá escondido ou então mais de 80, acho que hoje no Brasil deve ter muita violência contra a criança, entendeu. Principalmente que as

meninas hoje, 10, 09 anos, já estão moça já. Tem meninas aqui com 12 anos que já tá tomando anticoncepcional, entendeu; já tá menstruando; então assim a menina já tá pronta pra ser mãe, e o pai [refere-se ao pai da adolescente] aí às vezes é dependente de drogas, é alcoólatra, a mãe [refere-se à mãe da adolescente] assim não tem aquele corpo mais... pode não querer a mãe, e ele tem a filha ali... aí a filha às vezes usa uma roupa indecente dentro de casa e o pai que bebe, ou com transtorno mental, e vê aquela moça ali, aí acaba rolando. Mas acho que na maioria dos casos ocorre por isso, igual tá acontecendo por causa desse motivo que eu tô te falando. (E4, comunicação pessoal, 15 de agosto de 2012)."

Diante do exposto, esse discurso é um reflexo da nossa cultura preconceituosa e machista que envolve as relações de gênero na sociedade. A desigualdade de gênero se comprova ao analisar que as meninas entre 0 e 14 são as maiores vítimas da violência sexual. (TRABBOLD et. al 2016). Florentino (2015) traz alguns apontamentos sobre as consequências do abuso sexual infanto-juvenil que envolvem a violência praticada e que devem ser considerados ao se debater o assunto. O autor compreende que as consequências variam do "grau de penetração; acompanhamento de insultos ou violência psicológica; uso de força ou violência física, entre outras brutalidades que, obviamente, são variações que comprometem as conclusões sobre as consequências do abuso sexual" (p.140). Além disso, Florentino (2015) aponta ao citar Furniss (1993) que:

[...] as consequências ou o grau de severidade dos efeitos do abuso sexual variam de acordo com algumas condições ou predeterminações de cada indivíduo, tais como a idade da criança quando houve o início da violência; a duração e quantidade de vezes em que ocorreu o abuso; o grau de violência utilizado no momento da situação; a diferença de idade entre a pessoa que cometeu e a que sofreu o abuso; se existe algum tipo de vínculo entre o abusador e a vítima; o acompanhamento de ameaças (violência psicológica) caso o abuso seja revelado (p.140).

Por fim, Florentino (2015) afirma que o estresse pós traumático é uma consequência frequente nas vítimas desse tipo de abuso.

Este transtorno está ligado a vivências na vida do sujeito que foram incomuns e que causaram um grande impacto emocional, ocasionando consequências que atingem a saúde física e mental. Alguns elementos são associados ao TEPT: "reexperimentação de memórias intrusivas e persistentes ligadas ao trauma" (p.141) (lembranças intrusas, sonhos traumáticos); Comportamentos de reconstituição e "exposições compulsivas a situações que lembram o trauma; Impedimento incessante à exposição de situações específicas, usualmente ligadas à emoção do trauma experimentado e um entorpecimento às

reações emocionais” (fuga de sentimentos, pensamentos, locais e situações, interesse reduzido em atividades habituais, sentimento de estar sozinho, âmbito emocional restrito); estado de excitação aumentada (transtorno do sono, irritabilidade, raiva, dificuldade de concentração, hipervigilância, resposta exagerada de sobressalto e resposta autônoma a lembranças traumáticas); ocorre a diminuição da capacidade do sujeito de usar a língua falada, levando o sujeito a substituir esse meio de comunicação pela expressão através dos gestos; “distúrbios ligados à desatenção, tais como desconcentração, discriminação de estímulo; e, por último, alterações na identidade pessoal” (p. 141).

Quando o abuso sexual é resultante de incesto as consequências podem ser ainda mais devastadoras. Cantelmo, Cavalcante e Costa (2011) realizaram um estudo de caso com uma menina de 15 anos vítima de incesto por parte do seu padrasto que resultou em sua gravidez e no nascimento do bebê. A pesquisa tinha como objetivo discutir como a adolescente se reorganizou na família, o seu silêncio e o da família em relação ao abuso sexual.

Mandelbaum, Schraiber e d'Oliveira (2016), discutindo a posição de Ferenczi (1981), afirmam que o trauma acontece em dois tempos: o primeiro diz respeito ao acontecimento traumático e o segundo é quando não há o reconhecimento do abuso por uma terceira pessoa, a quem a vítima pede ajuda. Pode ser citado como exemplo a adolescente quando é desacreditada pela própria mãe do abuso sexual sofrido pelo pai ou padrasto. Pode-se citar como outro ponto que compromete a vida de crianças e adolescente (Florentino, 2015) que são vítimas do abuso sexual: o segredo. No segredo está implícita a proibição de verbalizar os fatos e, em contexto familiar, podendo ser ligada ao modo de comunicação não-verbal. Assim, “seja por temor de sofrer sanções e castigos por ambos os genitores, seja por sentir sobre seus ombros a responsabilidade de manter o equilíbrio e integridade da família” (p.142), a vítima pode manter o segredo e o silenciamento diante de uma situação que lhe viola, oprime, envergonha e, muitas vezes, desumaniza (FLORENTINO, 2015).

O segredo ocasiona comprometimentos psicológicos, alimentados por uma dupla angústia: não contar por medo do agressor e por medo de ser desacreditada pela mãe e pelos familiares. Enquanto a vítima não denuncia o agressor, permanece paralisada em suas defesas, “como se faltassem recursos mediadores para isso”

(p.142), produzindo sensação de desamparo e culpa (FLORENTINO, 2015). O pacto de segredo que se instaura no núcleo familiar alimenta a impunidade do agressor que, na prática, deveria ser sinônimo de amparo e proteção, contudo, passa a ser sinônimo de ameaça.

Autores como Gomes e Neves (2013); Abdala, Neves e Paravidini (2013), Abdala, Próchno e Silva (2017), discutem o fator transgeracional da prática incestuosa na família. Gomes e Neves (2013) realizaram uma entrevista individual com mães de vítimas de violência sexual incestuosa acometida pelo pai ou padrasto, com a finalidade de compreender, a partir de suas histórias, a dinâmica e os arranjos familiares e as funções que estabelecem perante a cena incestuosa. Com isso, as autoras apontam que:

A compreensão de casos onde a questão incestuosa apresenta-se em mais de uma geração de uma mesma família, do ponto de vista psicanalítico, parte da suposição de uma ordem de repetição da situação incestuosa para além da consciência do sujeito. Parece existir um componente afetivo familiar, e reprimido, ligado à repetição de situações que emergem como estranhas (p.24).

Abdala, Próchno e Silva (2017) discutiram em seu artigo “a influência dos processos de transmissão psíquica na repetição da violência sexual incestuosa entre as gerações a partir do filme *Volver* (2006) do diretor espanhol Pedro Almodóvar” (p.208).

Diante disso, Lima & Alberto (2016) enfatizam a importância do atendimento às mães das vítimas, tendo em vista que “tornam-se alvos das maiores cargas emocionais dentro do processo” (p.337), pois geralmente elas estão mais próximas dos (das) filhos (as). Outrossim, as autoras afirmam que as mães ao se depararem com a realidade do abuso de seus filhos, tendem a recapitular a sua própria vitimação no passado quando, ainda, eram crianças ou adolescentes. Lima & Alberto (2010) analisaram as vivências subjetivas de mães que tiveram suas filhas violentadas no contexto familiar.

Batista, More, Krenkel (2016) realizaram um estudo sobre as influências nas tomadas de decisões dos profissionais em relação às vítimas de abuso sexual infanto-juvenil. As autoras constataram a presença de influências de gênero relacionadas ao gênero da criança e do adolescente, do autor da violência, bem como do profissional. Constataram em outro resultado que as mulheres juradas avaliavam o requerido significativamente como o mais responsável na questão,

enquanto os homens apresentavam um maior nível de responsabilização das vítimas na violência sofrida. Nos casos de abuso sexual envolvendo crianças mais velhas e adolescentes (11-15) verificou-se maior número de absolvição do requerido. Dessa forma, as crianças mais velhas e adolescentes são percebidas, no julgamento dos profissionais envolvidos na pesquisa, como sendo menos vulneráveis, com maiores chances de resistir e são menos ingênuos, mais propensos a mentir (TABAK & KLETTKE, 2014 CITADO POR BATISTA et. al, 2016).

Miura, Neto, Paixão e Redondo (2011) observaram um caso clínico de uma mulher vítima de violência intrafamiliar quando era criança. A paciente, no início do seu amadurecimento desenvolveu um falso self patológico para proteger seu self verdadeiro. Por viver num ambiente familiar devastador, de violências diversas, dentre as quais a violência sexual, desenvolveu defensivamente uma tendência Borderline. Nesse contexto, é discutido que o amadurecimento do indivíduo se dá a partir de estágios, sendo que as idades cronológicas não são datadas, “por isso se fala de estágios e não de idades” (p.48). No entanto, apesar desse processo ser considerado inato, o bebê dependerá de um ambiente facilitador, que lhe ofereça cuidados suficientemente bons, que, a partir de identificação com o bebê atende às suas necessidades básicas. (MIURA et. Al, 2011, p.48).

Corroborando com os autores supracitados, o presente estudo sobre a violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes, relacionando com a teoria do amadurecimento de Winnicott, observa que o abuso sexual contra crianças e adolescentes é uma prática que ocorre especialmente com o sexo feminino, sendo entendido como uma violência de gênero, devendo ser discutido ainda mais na sociedade as relações e construções de gênero explícitas na situação.

Conforme a teoria do amadurecimento de Winnicott, há uma tendência inata ao amadurecimento, muito embora seja necessário um ambiente facilitador para o amadurecimento saudável das crianças e adolescentes. Assim, o abuso sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes consiste numa quebra da continuidade do ser, provocando nas vítimas o desenvolvimento de estruturas defensivas diante do trauma ocorrido. Esse mecanismo de proteção é compreendido como falso self defensivo; são condições criadas a partir de momentos traumáticos na vida dos sujeitos a fim de resguardar sua real face para protegê-la. Nas palavras de Miura et. Al (2011):

Os indivíduos que tiveram uma falha no desenvolvimento do self, em que o

self verdadeiro é a única parte viva, mas não explorada, podem passar boa parte de suas vidas mimetizando o ambiente, evidenciando na aparência estar tudo bem. Porém, a máscara do disfarce pode cair a qualquer momento, ou melhor, em algum momento difícil emocionalmente (na perda, por exemplo). Essas situações podem enfraquecer o falso self deixando o verdadeiro self desprotegido, gerando uma grande angústia de aniquilamento, pois a única parte viva estará ameaçada” (55 e 56).

Conforme revisão bibliográfica, não é possível generalizar ou precisar com perfeição os efeitos do abuso sexual, pois a sua gravidade e a extensão das consequências irão depender das singularidades e das experiências particulares de cada vítima (FLORENTINO, 2015).

Diante da brutalidade do abuso sexual, muitas vezes associado a outros tipos de violência, e considerando o fato de que a criança e o adolescente são sujeitos em condição peculiar de desenvolvimento, são prováveis as consequências defensivas. Isso posto, é fundamental que o psicólogo, seja atuante em políticas públicas, seja em instituições e consultórios particulares, tenha a sensibilidade e capacitação para identificar e contribuir na provisão de recursos ambientais necessários a esse enfrentamento.

É importante considerar que a violência sexual intrafamiliar contra a adolescente, dificilmente será um evento isolado de uma conjuntura cultural e relacional presentes na cultura da comunidade e da família. Como tal, carrega elos de vulnerabilidade, intrusão ou negligência que demandam diversas formas de suporte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa foi constatado que a violência sexual contra crianças e adolescentes é uma temática antiga e é de extrema importância ser posta em discussão na sociedade. Através das pesquisas realizadas para o presente estudo, foi constatado que a violência sexual contra crianças e adolescentes é uma problemática que se enquadra como uma questão de saúde pública, por se configurar como uma prática que aponta vários índices no país e no mundo, considerando a extrema importância da continuidade do estudo.

A criança e o adolescente em condição especial de desenvolvimento deve ser protegido tanto pela família, como pelo Estado e população em geral. Levando em

consideração o ECA sobre as disposições preliminares no seu art. 5º “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (BRASIL, 1990).

E dos direitos fundamentais à vida e à saúde no Art. 7º “A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência” (BRASIL, 1990).

Com isso faz-se necessário o cumprimento da lei e promover políticas públicas voltadas para denúncias e acolhimento das vítimas, bem como dos familiares que se sintam necessitados. É necessário, ainda, profissionais capacitados para lidar de maneira competente nos casos de violência sexual intrafamiliar, tendo em vista a sua tomada de decisão em relação aos casos trazidos como, por exemplo, a tomada de decisão de profissionais da saúde embasando-se através de influências de crenças religiosas frente ao aborto legal em decorrência de estupro (Batista et. al, 2016), e o manejo com os demais familiares a fim da quebra do silêncio e a denúncia para as devidas providências.

É imprescindível o olhar diferenciado para a situação da violência sexual intrafamiliar e o que ela atualiza na vida do sujeito situações de falhas ambientais anteriormente constatadas, e o que isso desencadeia na sua forma de ser, levando em consideração que a adolescência é uma fase da vida em que ocorre a reatualização das questões primárias.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Anna Thereza Carneiro Pinto; NEVES, Anamaria Silva; PARAVIDINI, João Luiz Leitão. O fenômeno da transmissão psíquica e o incesto: possíveis articulações. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 43-58, abr. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682013000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 out. 2017. <http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9563.2013v19n1p43>.

ABDALA, Anna Thereza Carneiro Pinto; PROCHNO, Caio César Souza Camargo; SILVA, Luiz Carlos Avelino da. A transmissão psíquica do fantasma patológico enquanto objeto transgeracional: uma análise do filme "Volver". **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 207-222, Mar. 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982017000100207&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Oct. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/s1516-14982017001011>.

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Violência e Abuso Sexual na Família**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722002000200002>. Acesso em: 28 maio 17.

AZEVEDO, Elaine Christovam de. **Atendimento psicanalítico a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual**. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932001000400008&script=sci_arttext#end>. Acesso em: 03 jun. 2017.

BATISTA, Vanderléia; MORE, Carmen Leontina Ojeda Ocampo; KRENKEL, Scheila. **A tomada de decisão de profissionais frente a situações de abuso sexual infanto-juvenil: uma revisão integrativa**. 2016. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/MUD/article/view/6895>>. Acesso em: 13 out. 2017.

BOARATI, Maria Cristina Brisighello; SEI, Maíra Bonafé; ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya. **ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA: A VIVÊNCIA EM UM AMBULATÓRIO DE PSICOTERAPIA DE CRIANÇAS**. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822009000300008>. Acesso em: 03 jun. 2017.

CANTELMO, Claudia Aparecida; CAVALCANTE, Thainá Passos; COSTA, Liana Fortunato. A menina mãe: incesto e maternidade. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 137-154, Apr. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922011000100010&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Oct. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922011000100010>.

CERQUEIRA, Daniel; COELHO, Danilo de Santa Cruz. **IPEA: Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar)**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21842&catid=189&Itemid=6>. Acesso em: 28 maio 17.

DESLANDES, Suely Ferreira; MENDES, Corina Helena Figueira; LUZ, Eliane Santos da. **Análise de desempenho de sistema de indicadores para o enfrentamento da violência intrafamiliar e exploração sexual de crianças e adolescentes**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v19n3/1413-8123-csc-19-03-00865.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

DIAS, E. O. A teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott. Rio de Janeiro: IMAGO, 2003.

ECA; COELHO, Danilo de Santa Cruz. **ESTATUTO DA CRIANÇA DO ADOLESCENTE**. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolescente_9ed.pdf>. Acesso em: 28 maio 17.

FALEIROS, Vicente de Paula; COELHO, Danilo de Santa Cruz. **A violência sexual contra crianças e adolescentes e a construção de indicadores: a crítica do poder, da desigualdade e do imaginário**. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9091/1/ARTIGO_ViolenciaSexualContraCrianças.PDF>. Acesso em: 28 maio 17.

FLORENTINO, Bruno Ricardo Bérghamo. **Abuso sexual, crianças e adolescentes: reflexões para o psicólogo que trabalha no CREAS**. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922014000100006>. Acesso em: 13 out. 2017.

FLORENTINO, Bruno Ricardo Bérghamo. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 139-144, Aug. 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922015000200139&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Oct. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/805>.

FONTES, Luiz Felipe Campos; CONCEIÇÃO, Otavio Canozzi; MACHADO, Sthefano. **Violência sexual na adolescência, perfil da vítima e impactos sobre a saúde mental**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n9/1413-8123-csc-22-09-2919.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

FROTA, Ana Maria. **A reinstalação do si-mesmo: uma compreensão fenomenológica da adolescência à luz da teoria do amadurecimento de Winnicott**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672006000200006>. Acesso em: 28 maio 17.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. **Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção**. 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/4518/451844613015/>>. Acesso em: 30 set. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Disponível em: <[file:///C:/Users/chelo/Downloads/GIL-2002-Como Elaborar Projeto de Pesquisa.PDF](file:///C:/Users/chelo/Downloads/GIL-2002-Como%20Elaborar%20Projeto%20de%20Pesquisa.PDF)>. Acesso em: 28 out. 2017.

GOMES, Layla Raquel Silva; NEVES, Anamaria Silva. A mãe frente ao incesto: a condição de ausência, repetição e negação na história da família. **Vínculo**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 22-28, maio 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902013000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 out. 2017.

LEJARRAGA, Ana Lila. **Clínica do trauma em Ferenczi e Winnicott**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302008000200005>. Acesso em: 28 maio 17.

LIMA, Joana Azevêdo; ALBERTO, Maria de Fátima Pereira. Urgências psicológicas no cuidado às mães em casos de abuso sexual intrafamiliar. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 21, n. 3, p. 337-347, Sept. 2016. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2016000300337&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Oct. 2017. <http://dx.doi.org/10.5935/1678-4669.20160032>.

MANDELBAUM, Belinda; SCHRAIBER, Lilia Blima; D'OLIVEIRA, Ana Flávia P. L.. Violência e vida familiar: abordagens psicanalíticas e de gênero. **Saude soc.**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 422-430, June 2016. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902016000200422&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Oct. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902016145768>.

MIURA, Paula Orchiucci; NAFFAH NETO, Alfredo; REDONDO, Rui Paixão e Antonio João Leal. **A constituição do self a partir das relações familiares abusivas: um enfoque winnicottiano**. 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/6792/4915>>. Acesso em: 13 out. 2017.

OZELLA, SERGIO. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: CONTINI. M. L. J.; KOLLER. S. H.; BARROS. M. N. S. (org) *Adolescência e Psicologia: Concepções, práticas e reflexões críticas*. ED. Concelho Federal de Psicologia (CFP), 2002. (pp. 16-24).

PELISOLI, Cátula; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. **As Contribuições da Psicologia para o Sistema de Justiça em Situações de Abuso Sexua**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v34n4/1982-3703-pcp-34-4-0916.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

REIS, José Roberto Tozoni; COELHO, Danilo de Santa Cruz. **Família, emoção e ideologia**. Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/38965351/LIVRO_-_Psicologia_social_-_o_homem_em_movimento_-_LANE_Silvia_CODO_Wanderley_Orgs.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1496026335&Signature=aRs9AEHeTfgPiht2rXjkcqWP8hU=&response-content-disposition=inline;filename=LIVRO_-_Psicologia_social_-_o_homem_em_m.pdf#page=98>. Acesso em: 28 maio 17.

SIQUEIRA, Aline Cardoso; ARPINI, Dorian Mônica; SAVEGNAGO, Sabrina Dal Ongaro. Família e abuso sexual na perspectiva de adolescentes em situação de vulnerabilidade social. **Aletheia**, Canoas, n. 34, p. 109-122, abr. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942011000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 out. 2017.

TRABBOLD, Vera Lucia Mendes et al . CONCEPÇÕES SOBRE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA SEXUAL. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte , v. 28, n. 1, p. 74-83, Apr. 2016 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822016000100074&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Oct. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v28n1p074>.